

A chibata do Cerrado: mídias digitais, prazeres dissidentes e narrativas BDSM em uma cidade do Centro-Oeste brasileiro¹

*Aparecido Francisco dos Reis*²
*Gabriel Zamian de Carvalho*³
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar uma análise sobre as relações BDSM no contexto de Campo Grande/MS a partir das narrativas de interlocutores que se desenrolam por meio das *mídias* digitais. O BDSM é considerado uma sexualidade dissidente, pois transgride e rediscute questões que são colocadas como naturais dentro de uma sexualidade marcada por uma concepção biomédica de normalidade. A metodologia utilizada se serviu de entrevistas com os praticantes de BDSM da cidade e análise documental em redes sociais e *blogs* específicos do tema. Através da análise da fala dos praticantes, foi possível observar a importância que as *mídias* digitais assumem em Campo Grande/MS, visto que não há festas, encontros e locais direcionadas a esse tipo de público. Além disso, os resultados mostraram ainda os desejos e tipos de prazeres identificados nas práticas dos membros da comunidade BDSM da cidade, extrapolando a ideia de patologia e reforçando a ideia de normalidade em sua sexualidade. Também foi necessário uma leitura atenta do material numa interação com a bibliografia a fim de discutir a lógica dos desejos e dos prazeres que descobrem o corpo como fonte de erotismo vibrante.

Palavras-chave: sexualidade; saúde mental; corpo.

REIS, Aparecido Francisco dos; CARVALHO, Gabriel Zamian de. **A chibata do Cerrado: mídias digitais, prazeres dissidentes e narrativas BDSM em uma cidade do Centro-Oeste brasileiro.** *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 8 (17): 381-396, maio a agosto de 2021. ISSN: 2358-5587

¹ Esta pesquisa foi atividade do grupo de pesquisa Laboratório de Estudos da Violência, Gênero e Sexualidade - LEVS/UFMS nos anos de 2015-2018. Auxílio parcial do CNPQ.

² Mestre em Ciências Sociais (UFSCar). Doutor em Serviço Social (UNESP), com estágio pós-doutoral no programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Professor associado IV do curso de Ciências Sociais da UFMS, pesquisando gênero, sexualidade, saúde e violência.

³ Pesquisador do IBOPE. Formado em Ciências Sociais pela UFMS. Praticante de BDSM.

The lash of the Cerrado: social networks, dissenter pleasures and BDSM narratives in a city of the Brazilian center-west region

Abstract: This article aims to present an analysis about BDSM relationships in Campo Grande/MS context from narratives of interlocutors that are unfolded through digital networks. BDSM is considered a dissenter sexuality, for it transgresses and re-discusses issues that are put as natural inside a sexuality marked by a biomedical conception of normality. The methodology here applied was based on interviews with BDSM practitioners of the city and documental analysis on social networks and specific blogs of the theme. By the analysis of the practitioners' speech, it was possible to observe the importance that the social networks assume in Campo Grande/MS, once there are no parties, encounters and places directed to this kind of public. Besides, the results even showed the desires and sort of pleasures identified in the practices of the members of the BDSM community of the city, extrapolating the idea of pathology and reinforcing the idea of normality in their sexuality. In addition, it was necessary a meticulous reading of the material in an interaction with the bibliography in order to debate the logic of the desires and pleasures that discovers the body as the source of vibrant eroticism.

Keywords: sexuality; mental health; body.

El látigo del cerrado: medios sociales, placeres inconformistas y narrativas BDSM en una ciudad del Centro-Oeste brasileño

Resumen: Este artículo tiene como objetivo introducir un análisis acerca de las relaciones BDSM en el contexto de Campo Grande/MS a partir de las narrativas de los interlocutores que se desarrollan a través de los medios sociales. El BDSM es considerado una sexualidad inconformista, por tanto, transgrede y discute cuestiones que son puestas como naturales dentro de una sexualidad marcada por una concepción biomédica de normalidad. La metodología utilizada se sirvió de entrevistas con los practicantes de BDSM de la ciudad y análisis documental en redes sociales y blogs específicos con el tema. Por medio del habla de los practicantes, fue posible observar la importancia que los medios sociales asumen en Campo Grande/MS, visto que no hay fiestas, encuentros y lugares direccionados para este público. Además, los resultados mostraron incluso los deseos y tipos de placeres identificados en las prácticas de los miembros de la comunidad BDSM en la ciudad, extrapolando la idea de patología y reenfocando la idea de normalidad en su sexualidad. También fue necesario una lectura atenta del material en una interacción con la bibliografía a fin de la lógica de los deseos y placeres que descubre el cuerpo como fuente de erotismo vibrante.

Palabras clave: sexualidad; salud mental; cuerpo.

O BDSM é a sigla utilizada para definir um conjunto de práticas com o objetivo de buscar prazer, significando *Bondage*/disciplina, Dominação/submissão, Sadismo/masoquismo. De um modo geral, o acrônimo pode ser dividido e definido nas seguintes categorias:

- *Bondage/Disciplina* (B/D): Gelin (2007: 26) define como um conjunto de práticas de ordem diversa que se centram, sobretudo, em situações de constrangimento físico (*bondage* que, no sentido original da palavra significava condição de escravo/escravatura), humilhação e castigo (no sentido disciplinar e corretivo, ou seja, como punição por determinada ação supostamente inapropriada, real ou hipotética), estimulação e controle sensorial, incluindo do orgasmo.
- Robertson (2008: 2008) afirma que a relação *Dominação/submissão* (D/s): consiste na procura deliberada e consciente de uma relação em que existe uma desigualdade de poder entre os envolvidos, nomeadamente no que respeita ao controle físico, psicológico e emocional, para obtenção de prazer. Existem, assim, papéis diferenciados e diferenciadores, que designam a posição de cada um no seio dessa relação, através de uma troca erótica e consensual de poder, também conhecida como “troca total de poder” no caso das relações.
- *Sadismo/Masoquismo ou Sadomasoquismo* (S/M): práticas que envolvem a erotização de atividades relacionadas com a dor e o sofrimento. Sádico é o termo que ficou associado ao elemento que provoca a dor ou sofrimento, enquanto o masoquista é aquele que sente satisfação em ser alvo dessa ação.

Popularmente, o BDSM é conhecido no Brasil como sadomasoquismo, se referindo apenas às práticas de sadismo e masoquismo. Utilizando a ferramenta Google para pesquisar na *internet*, a fim de compreender as representações usuais e comuns do sadomasoquismo, a expressão aparece em vários *sites* que trazem dicas para namoro, casamento ou apenas para a relação sexual, mostrando que tais práticas servem para produzir uma maior excitação entre os parceiros durante o sexo, mas restritas ao ato sexual. Na *internet* existem uma infinidade de *sites* e *blogs* que consideram o sadomasoquismo como uma prática não sadia e qualificam como doentia qualquer manifestação destas práticas fora da relação sexual, esse tipo de opinião é compartilhada tanto por conselhos de profissionais médicos na rede, quanto por *sites* de dicas de relacionamento. Entre os *sites* médicos, o *blogalternative* apresenta “As diretrizes de prática clínica para trabalhar com pessoas com interesse *kink*”⁴. As diretrizes identificam *kink* como identidades sexuais, comportamentos eróticos, interesses e fantasias sexuais e BDSM (Bondage/Disciplina, Dominação/Submissão, Sadismo/Masoquismo), leather e fetiches como partes importantes do termo mais abrangente *kink*. As diretrizes identificam o BDSM como uma patologia clínica ou então como um componente para práticas sexuais convencionais. No entanto, o BDSM não pretende se tornar

⁴ [bloguealternative.files.wordpress.com/2020/07/diretrizes-de-prc3aatica-clc3adnica-para-trabalhar-com-pessoas-com-interesses-kink.pdf](http://bloguealternative.files.wordpress.com/2020/07/diretrizes-de-pratica-clinica-clc3adnica-para-trabalhar-com-pessoas-com-interesses-kink.pdf)

parte de uma identidade sexual convencional, enquanto prática tem suas regras e códigos específicos que precisam ser conhecidos pelos participantes. Além dos sites informados acima, existem também sites voltados para o público BDSM, com glossários, descrições sobre a prática BDSM, entre outras informações.

Esta pesquisa foi realizada a partir de contato com os informantes de uma rede social específica para seus praticantes, chamada *Fetlife*⁵, de análise de material publicado nos *blogs submisso real*⁶, *blogalternativa* e *Pergunte para Patrícia*⁷, postagens de materiais sobre o assunto no aplicativo de mensagens *Messenger*, ligado ao *Facebook*⁸, em dois grupos específicos: “BDSM Mato Grosso do Sul” e “BDSM – Campo Grande – MS” e entrevistas pessoais com os interlocutores.

Material e métodos

O estudo considerou o contexto social dos praticantes de BDSM na cidade de Campo Grande, ou seja, a sociedade local, como um quadro favorável ou não para suas existências. No contexto local, uma possível comunidade de praticantes BDSM ainda não nasceu e não há lutas ativistas nesse sentido. A comunidade ainda não se posicionou em espaços físicos definidos, por isso foi um desafio estabelecer uma etnografia da sobre o grupo. A cidade de Campo Grande, embora seja capital do estado de Mato Grosso do Sul, é conhecida por suas ligações com o agronegócio que se reflete não apenas em sua economia, mas também nas principais manifestações culturais, tendo como acontecimento principal, a Expô-Grande⁹.

Destaca-se ainda, os componentes religiosos atuais: católicos e evangélicos compõem 90% da população. Além disso, o ramo neopentecostal, profundamente mais conservador do ponto de vista moral, tem crescido a uma taxa média de 1,5 % ao ano. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as estimativas atuais indicam que 40% da população da capital se declara evangélica. Em linhas gerais, a cidade não oferece um ambiente no qual a sexualidade possa ser vivida em contextos de inclusão como em outras capitais brasileiras. Os espaços que têm gerado debates sobre a diferença sexual são recentes e mais ainda aqueles que são inclusivos para os sujeitos de orientação sexual diferente da heterossexual. Assim, o quadro no qual a pesquisa foi realizada é definido por fortes componentes moralizantes e de controle social entre seus próprios habitantes, além do controle produzido em escala institucional, de caráter político e religioso. Assim, para compreendê-lo utilizamos as contribuições de Pierson e Park (1971, apud MENDONZA, 2005) sobre a questão urbana e foram úteis e permitiram enquadrar, como ponto de partida, o indivíduo em um contexto de autonomia e individualidade. As práticas privadas de BDSM podem ser entendidas a partir do direito à privacidade e ao próprio espaço, mas também podem ser identificadas como relações secundárias características do sujeito urbano atual. Nesse mesmo sentido, a utilização da capacidade do sujeito urbano de representar vários papéis

⁵ www.fetlife.com

⁶ <http://submissoreal.blogspot.com/>

⁷ <https://patty79sp.wixsite.com/>

⁸ [facebook.com](https://www.facebook.com/)

⁹ Expogrande é um dos maiores eventos do segmento do agronegócio do Brasil, que reúne milhares de pessoas e animais durante as duas semanas do evento. É realizada anualmente e tem como um dos principais objetivos estimular investimentos no setor. Cavalos, bois, ovelhas e até avestruzes são comercializados durante a exposição. Além disso, há shows, sobretudo de artistas do chamado sertanejo universitário e negócios do mundo rural, como a compra e venda de maquinários e insumos.

que são acionados pelas contingências e pelos desejos, permite-lhe desempenhar um papel no espaço público e outro muito diferente no privado de caráter temporário como os encontros sexuais combinados *online* e relacionamentos anônimos e esporádicos em detrimento de relacionamentos estáveis.

O acesso à população BDSM foi possível devido ao pertencimento de um dos pesquisadores ao meio, favorecendo a compreensão de regras e das liturgias¹⁰ seguidas pelos praticantes. Isso facilitou o contato com os praticantes residentes na cidade de Campo Grande/MS, ao proporcionar uma maior liberdade e confiança para que os interlocutores pudessem falar acerca de suas práticas.

Além de estabelecer contatos, no *Facebook* é possível criar grupos para discussões específicas. Os pesquisadores entraram nos grupos “BDSM Mato Grosso do Sul” e “BDSM – Campo Grande – MS” criados no aplicativo de mensagens *Messenger*, vinculado a esta rede social. Isso possibilitou o acesso às discussões e as postagens entre os participantes das conversas.

A pesquisa utilizando meios digitais, tem sido amplamente discutida enquanto possibilidade de composição de coleta de dados e entrevistas. Autores como Miskolci (2012) e Zilli (2009) utilizam a *internet* e outras *mídias* digitais para realizarem suas pesquisas. Miskolci (2012), entende que as *mídias* digitais assumem papel importante nas relações sociais contemporâneas, afirmando que na atualidade, é quase impossível compreender nossas relações sem a mediação tecnológica. Para ele, as sociedades atuais possuem uma cultura digitalizada, que alteraram profundamente os processos de comunicação:

vivemos em referência aos seus conteúdos e aprendemos a fruir um grande prazer na inédita experiência da comunicação com várias pessoas ao mesmo tempo, ou seja, na participação em redes que constituem uma espécie contemporânea de comunidades (MISKOLCI, 2012: 3)

Assim, as *mídias* digitais e a *internet* se tornam meios que podem auxiliar muito a pesquisa, facilitando o contato com interlocutores e buscando informações do objeto pesquisado.

Além do uso das *mídias* digitais, a pesquisa foi realizada entrevistando seis interlocutores, sendo três submissas(os) e três Dominadoras(es). Estas pessoas foram escolhidas por já estarem adicionadas ao círculo de amizades virtual dos pesquisadores no *Facebook* e *Fetlife*, facilitando aos mesmos iniciar uma conversa e perguntar da possibilidade de uma entrevista.

Dois entrevistas, uma com um Dom e uma com uma Domme, foram realizadas via *Messenger* devido à impossibilidade de entrevistá-los pessoalmente, o primeiro por não residir mais na cidade de Campo Grande/MS e a segunda por não haver disponibilidade de tempo. As outras quatro entrevistas foram feitas pessoalmente com os interlocutores e, por haver o consentimento, foram gravadas.

Para resguardar a identidade dos colaboradores da pesquisa, serão utilizadas siglas para se referir a eles. No caso de Dominadoras(es), será utilizado a letra maiúscula “D” seguida de um número para se referir a um dos entrevistados em particular, como “D1”, “D2” e “D3”; no caso de submissas(os), será utilizado a sigla “sub” seguida de um número, como “sub1”, “sub2” e “sub3”.

¹⁰ Liturgia é o conjunto de etiquetas dentro do BDSM. Tem a função de regular as relações entre os praticantes. Faz parte da liturgia usar os pronomes de tratamento corretos, os rituais como encoleiramento, nortear um comportamento elegante, educado e hierárquico entre os participantes de um grupo. A liturgia na prática compreende o conjunto de regras e protocolos usados em todo mundo (<https://patty79sp.wixsite.com>).

Das(os) entrevistadas(os), são mulheres uma Domme (D2) e uma submissa (sub1) e são homens dois Doms (D1 e D3) e dois submissos (sub2 e sub3). A faixa etária dos interlocutores está entre 20 e 45 anos.

O contato com três dos interlocutores foi realizado através do uso do *Facebook* e uma pelo *Fetlife*. Um dos Doms, um dos pesquisadores já conhecia pessoalmente, enquanto o outro submisso foi apresentado ao pesquisador por intermédio de uma terceira pessoa que contribuiu com a pesquisa.

As entrevistas foram feitas através de um roteiro, com questões para guiar a conversa, mas durante a entrevista, de acordo com o rumo das falas dos interlocutores, os pesquisadores faziam questões pertinentes que estavam fora do roteiro inicial.

Importante ressaltar alguns detalhes quanto à escrita do texto. Partindo da análise da Clifford Geertz (1976), o discurso do nativo é uma interpretação da realidade, logo, o texto escrito pelo antropólogo se torna uma interpretação da interpretação:

Resumindo, os textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão. (Por definição, somente um "nativo" faz a interpretação em primeira mão: é a sua cultura.) Trata-se, portanto, de ficções; ficções no sentido de que são "algo construído", "algo modelado" — o sentido original fictício — não que sejam falsas, não-fatuais ou apenas experimentos de pensamento. (GEERTZ, 1989: 25)

Assim, na escrita do texto estarão presentes as formas de escrever do grupo em questão. Para demonstrar a hierarquia que existe em uma relação BDSM, os termos utilizados para se referir à Dominação ou Dominador serão iniciados com letras maiúsculas, enquanto os utilizados para referência à submissão ou submisso, serão escritos com letras minúsculas. Serão utilizados os termos “BDSM” e “sadomasoquismo” como sinônimo, pois este último mesmo se referindo apenas às práticas do sadismo e do masoquismo, é utilizado pela linguagem popular como sinônimo da sigla. Também serão usados gírias e códigos do grupo, seus significados atribuídos pelos próprios informantes serão explicitados nas notas de rodapé.

Discussão e resultados

O BDSM é conhecido popularmente como sadomasoquismo. O termo é uma palavra composta utilizada nas disciplinas que lidam com saúde mental: sadismo deriva do escritor francês Marquês de Sade (séc. XVIII-XIX) que em sua produção literária coloca a dor, a crueldade e a humilhação como práticas de produção do prazer sexual.

Masoquismo, por outro lado, deriva do escritor austríaco Leopold von Sacher-Masoch (séc. XIX), autor da novela *A vênus das peles*, publicada originalmente em 1870, a qual apresenta uma série de personagens que mostram comportamentos sexuais em afinidade com a dor. O termo masoquismo foi criado em 1886 pelo psiquiatra austríaco Richard Freiherr von Krafft-Ebing (1840-1902), em seu livro *Psychopathia sexual*. Pensava ser justificado chamar esta anomalia de “masoquismo”, por que o autor Sacher-Masoch frequentemente fez desta perversão, que até seu tempo era praticamente desconhecida ao mundo científico como tal, o substrato de seus escritos” (KRAFFT-EBING, 2017: 96).

Ainda nesta obra, Krafft-Ebing reconhece as origens do sadismo dentro do contexto de uma atividade sexual normal, mas sua análise do masoquismo se mostra mais desenvolvida no sentido de limitar ao prazer ao sentimento da dor,

sem reconhecer a importância da fantasia e dos demais aspectos, não somente físicos que estão invocados nestas práticas.

Sigmund Freud (1999), teorizou sobre o tema e assim como Krafft-Ebing, reconhecia o sadomasoquismo em suas formas menos extremas como parte da sexualidade masculina normal, no entanto, desde a perspectiva da psicanálise, Freud, entende esse comportamento sexual como uma perversão. Na realidade, ambos reconheciam o sadismo e o masoquismo como duas formas de uma mesma entidade, quer dizer que podiam se encontrar muito frequentemente na mesma pessoa.

Em 1933, o sexólogo inglês Havellock Ellis, em sua obra *Psychology of sex*, reconhece o sadismo e o masoquismo como estados emocionais complementares. Seu aporte real se fundamenta na supressão da ideia de crueldade no sadomasoquismo, substituindo-a pela dor, para o qual preferia o termo algolagnia, “*considerada uma perversão caracterizada pela obtenção de prazer ao infligir dor a outrem ou a si mesmo*” (ELLIS, 1933: 159). Foi o primeiro a abordar o tema a partir da interação social, embora não reconheça como um comportamento social, assinala que o sádico tem em conta as respostas aos estímulos da dor provocada no masoquista e sustentava que em grande parte, o comportamento desses sujeitos era motivado pelo amor romântico.

No que tange a ideia de saúde, no ano de 1952, a Associação Americana de Psiquiatria publica nos Estados Unidos o *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM), considerado o primeiro manual para o diagnóstico de transtornos mentais. A mencionada publicação surgiu da necessidade de unificar critérios em relação a terminologia psiquiátrica referente aos transtornos de saúde mental, embora existisse desde 1893 a Classificação Internacional de Doenças (CID) que forma um compêndio acerca das enfermidades. Em 1948, a Organização Mundial da Saúde (OMS), fez um aparte no CID, incluindo o sadismo e masoquismo como um transtorno mental de desvio sexual, assim como a homossexualidade (APPADURAI, 2001: 38). Em 1973, a homossexualidade deixou de ser considerada transtorno mental pela Associação Americana de Psiquiatria e pela OMS em 1990. No entanto no atual DSM-5, publicado em 2013, os fetiches ou as práticas sadomasoquistas ou BDSM estão listados como uma parafilia, que abrangem essencialmente as preferências sexualmente “*incomuns*” (DSM-V, 2013: 694-8). As comunidades BDSM argumentam há anos que seus gostos sexuais são inofensivos e não deveriam ser listados junto aos transtornos mentais.

Segundo Foucault (1989), na época moderna, o corpo, o sexo e o prazer se tornaram parte da autoridade médica, em que o especialista tece toda uma rede de causalidade sexual, interpretando dados obtidos junto a confissão de seus pacientes para validá-los cientificamente e estabelecer um discurso de verdade sobre uma sexualidade normal ou patológica, sendo que os dados obtidos pela confissão não tratam apenas do que o sujeito gostaria de dizer, mas daquilo que se esconde ao próprio sujeito. Assim, a sexualidade é formada pelo discurso de poder-saber da *scientia sexualis* como um dispositivo histórico criado a partir do século XIX (FOUCAULT, 1989: 116-117).

O autor comenta ainda que em diversos manuais e livros médicos do período, há listas acerca de patologias, desvios sexuais ou sexualidades dissidentes. Essas práticas são categorizadas, descritas e exemplificadas, sendo estudadas e identificadas maneiras também de se curar estes distúrbios do sexo. Na psiquiatrização das perversões, o sexo foi restrito às funções biológicas e a um aparelho anátomo-fisiológico que lhe dá sentido, isto é, finalidade; também a um instinto que através

do seu próprio desenvolvimento e de acordo com os objetos a que pode se vincular, torna possível o aparecimento das condutas perversas e sua gênese inteligível; com isso o sexo se define por um entrelaçamento de função e instinto, de finalidade e significação; e sob essa forma, manifesta-se melhor do que nunca, na perversão modelo, “*nesse fetichismo que, pelo menos a partir de 1877 serviu de fio condutor à análise de todos os outros desvios, pois nele se lia a fixação do instinto em um objeto à maneira da aderência histórica e da inadequação biológica*” (FOUCAULT, 1989: 167-8).

Posteriormente, Preciado (2002) em seu livro *Manifesto Contra-Sexual* avança nas discussões propostas por Foucault. A construção do sexo, como órgão e prática, é uma tecnologia da sexualidade formada pelo discurso da ciência, estabelecendo então o discurso de igualdade entre natureza e heterossexualidade, considerando qualquer desvio como anti-natural. Ou seja, a própria ideia de natureza sexual humana é construída pelo discurso heteronormativo, que produz a feminilidade e a masculinidade, os papéis e práticas sexuais, fragmenta os corpos e foca as zonas erógenas nos órgãos genitais (PRECIADO, 2002: 22).

Para Rubin (1984), nas sociedades ocidentais modernas os atos sexuais são avaliados de acordo com um sistema hierárquico de valores sexuais. Assim, a noção de uma sexualidade ideal singular caracteriza a maioria dos sistemas de pensamento sobre o sexo. Para a religião o ideal é o casamento procriativo. Para a psicologia é a heterossexualidade madura, assim, o BDSM está entre as práticas sexuais mais detestáveis, afirmando que “*as castas sexuais mais desprezadas correntemente incluem transexuais, travestis, fetichistas, sadomasoquistas, trabalhadores do sexo como as prostitutas e modelos pornográficos*” (RUBIN, 1984: 14).

Nesse sentido, é necessário esclarecer que o discurso científico sobre o BDSM é antes de tudo, um axioma do essencialismo sexual e da ideia que o sexo é uma força natural que existe anteriormente a vida social e da formação das instituições sociais. Essencialismo sexual que está incrustado no discurso científico e na cultura das sociedades ocidentais, que consideram o sexo como eternamente imutável, não social e não histórico.

Dominado por mais de um século pela medicina, psiquiatria e psicologia, o estudo acadêmico do sexo tem reproduzido este essencialismo. Estes campos classificam o sexo com uma propriedade dos indivíduos. Pode residir em seus hormônios ou suas psique. Pode ser interpretado como fisiológico ou psicológico. Porém, dentro dessas categorias científicas, a sexualidade não tem história e nem determinantes sociais (RUBIN, 1984: 149).

Como assinala Rubin, as disciplinas acadêmicas que historicamente têm estudado o sexo, entre elas a psicologia, tem negado a dimensão social deste. As práticas BDSM aspiram mais que o simples essencialismo que se origina na fisiologia ou na psique dos sujeitos, o BDSM efetivamente vincula a sua performance ao social de maneira que seja suficientemente real para os praticantes.

Gebhard (1971) produz a primeira ruptura significativa em um sentido social com as teorias anteriores, demarcando o BDSM, na época ainda chamado de sadomasoquismo, em um contexto cultural, assinalando que a dominação e a submissão estão na base de nossa cultura e a agressão é socialmente valorizada. O autor considera o sadomasoquismo como uma conduta social que carrega certos traços que lhe dão essa classificação: Prevalência do sadomasoquismo em sociedades alfabetizadas; sua natureza simbólica ao reproduzir formas de Domina-

ção/submissão presentes e amplamente aceitas na cultura e a associação do sadomasoquismo com as interações sociais entre os praticantes e o contexto socio-cultural no qual é produzido (GEBHARD, 1971: 11).

Assim, o BDSM tem cruzado o umbral teórico que o havia reduzido a dor e ao erotismo localizados a uma patologia individual. Em suas práticas, o BDSM não se fala apenas de dor e sim da ideia de controle, de dominação e submissão e disciplina. O sentido da uma suposta agressividade e passividade presentes nestas práticas sexuais são um produto da cultura e não da biologia e o presente artigo se alinha a ruptura com as teorias da psicanálise já citadas. Ademais, a cena¹¹ BDSM deve ser entendida em um contexto relacional, a dor marca um intercâmbio entre os praticantes. Isto ocorre porque o BDSM é mais que uma aplicação unidirecional da dor, funciona muito mais como um mecanismo de confiança, sociabilidade e de relações entre os praticantes de BDSM. A partir da análise teórica, pode-se pensar a questão dos prazeres tendo em conta a fala dos praticantes de BDSM, enquanto processos que envolvem a negação da ideia de culpa pelo uso do corpo em cenas eróticas que estão além de atos meramente sexuais.

Na análise do material coletado pode-se perceber a presença de um discurso que os reportam a uma exploração das potencialidades erógenas do corpo na obtenção do prazer. Quando indagados sobre a relação entre prazer e práticas BDSM, as narrativas dos interlocutores identificam diferentes fontes de prazeres:

D1: Sinto prazer em ter alguém sob meu comando, obediente, com o objetivo de me agradar. [...] É um prazer diferente do sexual, vai bem além, principalmente em ver o prazer dela em me servir.

D2: Sou sádica, na verdade é um prazer mais psicológico que sexual... A dor do sub me causa sensações de prazer muito fortes.

sub1: Acho que submissão mesmo, o fato de ver a pessoa gostar de ser servida, a humilhação eu acho. Não bem humilhação, porque você sabe, humilhação é relativa, mas o que me dá prazer é mais isso, ser feito o que a pessoa quiser, permitir, fazer o que ele quer e com isso ver o prazer dele. O fazer o que ele quiser pelo seu prazer e isso já me dá prazer.

sub2: Então, um pouco aquilo que eu tinha comentado antes, tudo que é meio underground¹² assim me atrai. Agora, dessas práticas assim, falar o que eu curto mesmo assim, tenho uma certa tara por pés, chuva dourada... Ah, tudo que é meio nojentinho assim eu gosto sabe, e a coisa da humilhação, tipo “ah, fica quieto aí no teu canto, você está aqui para ser usado só, pronto e acabou”, isso eu acho legal. Mas é que ah, Gabriel, é uma tara, uma prática, mas não é a única, tanto que eu me relaciono 99% das vezes com rapazes e tal sem nada de BDSM. Já essa Menina que eu sai com Ela, essa Domme, Ela não, só vale se for com BDSM, se não Ela nem sai com a pessoa.

Interessante observar que nos relatos, os prazeres estão associados a Dominação, a dor e a humilhação. Assim, à primeira vista, a relação pode parecer abusiva. Entretanto, para o BDSM ser considerado verdadeiro entre os praticantes, deve haver um consenso entre os mesmos antes da realização do ato. Além disso, a busca por esses prazeres não põe em risco a vida de seus adeptos. Há limites e regras a serem seguidas. Um exemplo disso é o uso de uma palavra de segurança. Antes de iniciar uma liturgia BDSM, é necessário definir uma expressão que pode ser dita no momento em que uma das partes sentir vontade de encerrar a cena.

A partir dos relatos, vivenciar dores, humilhações e submissão durante a cena BDSM proporciona uma descarga de adrenalina no cérebro humano. Por

¹¹ A palavra indica que há um elemento performático nos encontros BDSM, no qual os envolvidos assumem papéis de forma voluntária, em uma espécie de interação ou jogo erótico.

¹² Em português, o termo significa "debaixo da terra", no BDSM, conota algo marginal ou alternativo.

isso, quanto mais intensa for a sensação de desconforto, maior será o êxtase sexual.

Por outro lado, do ponto de vista do Dominador existe a necessidade de controlar o outro, de sentir prazer em ter o mundo em seu entorno sob seu controle. Isso pode ser uma característica cultural, adotada pela longa necessidade humana de conhecer e controlar a sua natureza interior e a natureza exterior, como forma de criar uma sensação emocional de segurança e dominação sobre um mundo caótico. Este desejo acaba adquirindo um sentido erótico dentro das práticas do BDSM, já que o fetiche ressalta a noção de poder sobre as sensações e emoções. Causar a dor no próximo significa ter dominação sobre o que o outro está sentindo, ou pode sentir. Culturalmente, na sociedade ocidental a dor é percebida como algo negativo e que se deve evitar na busca incessante pelo prazer. No entanto, na prática, a separação entre a satisfação e o incômodo não é tão clara.

Quando se fala em dor, a tendência é associá-la apenas a um fenômeno neurofisiológico. Mas, atualmente se admite que existam “*componentes psíquicos e sociais, na forma como se sente e se vivencia a dor. Esta concepção, no entanto, implica a dor como uma experiência corporal prévia, à qual se agregam significados psíquicos e culturais*” (SARTI, 2001: 4), tanto para o Dominador quanto para o submisso. Nesse sentido, a ligação entre a dor e o prazer pode ser neurofisiológica, mas os limites disso sociológicos e culturais (SANTOS, 2013: 34). A aflição produzida na cena BDSM, faz com que o sistema nervoso central libere endorfinas para bloquear sensações incômodas, gerando uma sensação de prazer e satisfação¹³.

Desse modo, na fala dos interlocutores não está presente a ideia que essa forma de prazer seja algo patológico, mas reconhecem que pode ser extremamente diferente sob o ponto de vista da sociedade, sendo assim, preferem não comentar o sobre o assunto, os seus gostos e desejos com outras pessoas, embora internamente, os praticantes busquem legitimação e a superação da ideia de patologia. Para Zilli (2009), grande parte do preconceito e da marginalização a que estão submetidas as práticas BDSM têm como referência análises tendenciosas ou provenientes de estudos da psiquiatria e da psicologia, que dão ênfase à ideia de patologia. Esse tradicional estigma da perversão sexual é, no fim das contas, o que o discurso de legitimação do BDSM tenta combater (ZILLI, 2009: 500-1).

O prazer no BDSM é voltado para as sessões, o sexo é uma consequência. As práticas consistem em estimular o corpo não necessariamente nas zonas erógenas, mas em diferentes partes do corpo pouco exploradas no sexo convencional. Da mesma forma, o objetivo dessas ações é recriar fantasias sobre situações eróticas que povoam a imaginação, é por isso que a dramatização, a cena e os figurinos são diferentes conforme cada liturgia, criando um jogo erótico governado por regras nas quais existe uma intensa estimulação do corpo e é desenvolvida uma nova tecnologia sexual que expande o espectro de possíveis prazeres. Isso significa também que os envolvidos na cena BDSM em Campo Grande, tem suas práticas preferidas, extrapolando a ideia do prazer obtido apenas em causar ou sentir dor:

D1: *Práticas que já fiz assplay¹⁴, anal, imobilização, privação dos sentidos, spank leve. Tenho vontade: treinamento de obediência, spank moderado, enema, estupro consentido. E algumas práticas com choque.*

¹³ Endorfinas, o ponto de vista do BDSM. <http://www.bdsmdigest.com/bdsm-articles/endorphins-bdsm/#more-661>. Acesso em 18/06/2020

¹⁴ Tudo que mistura muito fetiche e fantasia.

D2: *Dominação Psicológica, bondage, spank*¹⁵, *ballbusting*¹⁶, *CBT*¹⁷, *waxplay*¹⁸, *inversão de papéis, petplay*¹⁹, *privação de sentidos, negação de orgasmo... Sou um pouco sádica.*

sub1: *Eu gosto do shibari né, shibarista que fala, que são as cordas, que eu gosto muito, acho muito legal. Spank super de leve, não sou masoquista, e eu tive minha primeira sessão semana passada, aí, na hora que eu levei a cintada eu queria chorar e bater nele, aí eu queria, falei “gente, que ódio”, aí então eu falei “olha, eu já descobri na terceira cintada que eu não sou masoquista”, porque eu fiquei com vontade chorar, meu olho encheu de lágrimas, eu implorei, falei “não, por favor, para”, é, então acho que eu não sou masoquista. Eu acho sei lá, de repente, talvez com o tempo né, os outros Domes que conheci são mais antigos, eles falam “com o tempo você acostuma”. Estou fugindo de sádico... Sádico eu fujo, vem falar comigo eu nem... Dou atenção, mas eu fujo. Velas eu amo. Bondage, que são as amarrações. Assim, a princípio eu conheço o que, submissos iniciados não têm muito que limitar sabe, porque ainda mais iniciante como eu, eu tenho que primeiro provar pra depois saber o que eu quero o que eu não quero, aí não vou limitar o que não gosto e o que eu gosto. Então eu não sou como outros que falam “ah, eu quero isso, isso e isso”, “eu gosto disso, disso e disso.*

sub2: *Eu gosto do lance da humilhação mesmo. Dor eu não curto muito, a coisa do spank, coisa e tal, eu não curto muito não. Mas assim, essa vez que eu saí com essa Domme, nossa, Ela se divertia era no spank, então tudo bem, fiquei lá e tal, até um determinado momento eu falei “não, agora não dá mais”, aí Ela falou “então tá, de boa”. Aquele chuva dourada, eu acho bacana. Não lembro mais assim... Ah, o coisa do amarrar, do bondage né? Isso é muito legal. [...] Ah, então, tem um negócio que me excita ler sobre, mas a prática em si, é uma coisa que sei lá, é bastante, que me limita, é o tal do CBT né, cock and ball torture. Eu vejo imagens, eu leio sobre, é uma coisa que me excita, mas a prática não é bacana não, pelo menos o que foi com essa Domme, como Ela fez e tal, eu não curti o jeito.*

sub3: *Bondage, cordas, algemas. Tem algumas coisas que eu não faria, como a chuva negra, isso é uma coisa que realmente não vai, escarificação também.*

D3: *Bondage, spanking, o que mais... Fireplay*²⁰, *essas coisas.*

sub3: *Teve um cara que assim, ele mandava mensagem no meu celular, falava assim “você pode hoje?”, aí quando dava certo com meu horário, eu dizia OK, ele fala “então tá, já estou te esperando”. Ele deixava a perna da casa dele aberta, eu entrava, ele estava sem roupa, a gente não trocava nenhuma palavra, aí pelas tantas ele parava, vestia a camisinha, me virava, me comia e tal... Aí às vezes sim, às vezes não, ele me levava pro banheiro, mijava em mim, aí ele saía do banheiro, arrumava tudo, vestia minha roupa e ia embora.*

A partir dessas narrativas, deve-se pensar o corpo como um catalisador da existência e epicentro das experiências transformadoras que os atravessam. As práticas identificadas parecem estranhas, violentas e abusivas, no entanto, funcionam como estímulos para que os envolvidos na cena reconheçam seus corpos e possam elaborar um esboço de seus prazeres. Apenas a corporalidade permite que eles tenham uma ideia do outro, seja do Dominador ou do submisso. Esse autoconhecimento do corpo e das práticas prediletas de cada um envolvem uma exploração permanente, uma investigação constante de seus gostos, de suas sensações, de suas diferentes formas de prazer, para descobrir também o que cada um gosta um do outro.

Pode-se perceber pelo discurso do BDSM, que o mesmo não expressa uma estrutura de identidade fixa, mas é constituído por uma série de práticas sexuais

¹⁵ Ato de castigo corporal associado ao BDSM que busca a excitação sexual

¹⁶ Consiste no desejo sexual de homens de serem golpeados na região genital.

¹⁷ Tortura do pênis e dos testículos.

¹⁸ O Waxplay é a prática que envolve o uso de velas no corpo do bottom, o que pode ocorrer de duas maneiras: apoiando as velas e forçando a imobilização física por causa do risco e o mais comum, pingando a cera derretida sobre o corpo.

¹⁹ Pet play é uma forma de encenação onde pelo menos um dos participantes desempenha um papel com características animais.

²⁰ Consiste em usar uma chama próxima ou diretamente sobre a pele.

por meio das quais os sujeitos interagem. Essas práticas apresentam características e modificações dependendo dos indivíduos praticantes. Isso permite que os sujeitos dispensem uma identificação sexual estável e estruturada de acordo com o regime normativo heterossexual. Embora se possa pensar em uma negação da normalidade sexual para legitimar outras sexualidades, estabelecendo-se como libertador simplesmente por denotar uma transgressão da norma heterossexual, porém isso não significa que esteja fora do dispositivo da sexualidade, mas que faz parte dele. A rejeição de uma identificação e a opção pelo anonimato não implicam necessariamente em um vazio político no discurso dos praticantes. Com base nos dados das entrevistas, isso pode ser lido mais como uma rejeição ao assimilacionismo referindo-se especificamente à política de identidade que se baseia principalmente na visibilidade pública, como é o caso de lésbicas, gays e transexuais, o que leva à homogeneização das identidades genéricas do sexo e à aceitação pública de um sujeito anômalo. O fato das trajetórias BDSM não se articularem em referência a uma identidade sexual fixa, mas em torno de uma multiplicidade de identificações e deslocamentos corporificados sobretudo em cenas, pode ser uma das causas de sua impossibilidade de agrupamento, ao contrário do que acontece em outros movimentos sociais que se organizam a partir de uma identidade específica que atua como uma cola. No conjunto de trajetórias estudadas, a negociação da identidade ou do papel a ser exercido ocorre antes da encenação, é negociada de forma permanente, daí sua mobilidade e capacidade de deslocamento. Revelam ainda que os estágios mais avançados na conformação de uma identidade sexual sadomasoquista, apenas se mostra o estabelecimento de uma identidade ou papel fixo de Dominador ou submisso.

Os casos que apresentam processos de agrupamento de sujeitos o fazem em torno de uma identidade sexual perversa marginal, em relação a estigmas compartilhados que são assumidos pelos sujeitos, rompendo sua carga negativa e patologizante, enfocando principalmente o que os diferencia sexualmente. Isso pode ser visto mais diretamente no reaproveitamento dos termos utilizados historicamente, principalmente pelo discurso psicanalítico, tais como: perverso, vicioso, sádico. A relação crítica do discurso BDSM com o regime heterossexual normativo ocorre na medida em que o primeiro revela a incoerência assumida pelo segundo; entre gênero, sexo biológico e desejo sexual. Todas as trajetórias estudadas demonstram a mobilidade dessas categorias em termos de obtenção de prazer dentro das práticas sadomasoquistas.

Podemos nos referir ao que Butler (1997) chama de transferibilidade do atributo, porém essa transferibilidade não ocorre em um único sentido, mas depende da negociação anterior, do seu próprio desejo sexual e obviamente do seu parceiro. Portanto, a dimensão política que opera neste caso tem a ver diretamente com a sobrevivência muito mais do que com a visibilidade pública. A encenação ou liturgia do ato funcionam como um espaço que iguala a diferença sexual por meio da brincadeira performativa, desloca suas categorias para segundo plano e permite uma renegociação de identidades, não só sexuais, mas também de gênero na relação entre mulheres Dominadoras e homens submissos com o objetivo de alcançar o prazer dos participantes. Nesse espaço, a inversão de papéis é aceitável e não é questionada. Nesse sentido, o presente trabalho e as trajetórias que dele fazem parte, alinham-se ao postulado de Foucault (1989) quanto à desnaturalização da concepção dominante de identidade sexual, a sexualidade, neste caso, não é um atributo essencialmente pessoal, mas uma categoria cultural disponível.

O espaço da encenação BDSM apresenta a característica de ser um espaço límbico, entre o real e a representação. Os limites que se tornam obscuros entre eles também são objeto de erotização por parte dos praticantes. Dor e violência não são o cerne dessa identidade sexual, embora apareça muito em suas falas. Dominação e submissão são. Os dois primeiros são encenados no processo de erotização do segundo. Os praticantes fazem uso das relações de poder em seu próprio benefício, em busca do prazer. O poder não é fixo ou reproduzido mecanicamente, o poder é erotizado e utilizado de forma dinâmica e consciente pelos participantes. O consentimento prévio é o espaço em que tal poder é negociado e, portanto, os praticantes encontram-se efetivamente no mesmo nível de hierarquia, ambos fazem parte do contrato em igualdade de condições. Embora algumas das práticas descritas aqui possam ser lidas como radicais, isso não significa que os praticantes promovam políticas radicais de resistência. Além disso, embora o termo BDSM possa limitar o conjunto de práticas à relação Dominação/submissão, é preciso entender que muitas outras práticas são reconhecidas no meio. Para Leite Júnior (2000), ao se analisar o conjunto das práticas, se percebe que na verdade, o esses sujeitos estão buscando prazer na exploração dos seus corpos e na:

Recusa a uma sexualidade “comum”. Tudo aquilo que é considerado “normal” pela moral, senso comum e/ou ainda por muitos meios científicos, é entendido como tedioso e burocrático, totalmente o “oposto” da excitante criatividade que o imaginário S&M permite, “Sexo papai-e-mamãe não dá!”. (LEITE JÚNIOR, 2000: 18)

Isso não quer dizer que o BDSM exclua o sexo convencional ou “baunilha” de seu universo, mas o contextualiza. Às vezes pode ser uma forma do submisso servir ao Dominador, embora não exista a necessidade premente de uma relação sexual genital, “*pois toda a cena é sexo, todo o relacionamento é sexualizado ao máximo, e o uso (ou não) dos aparelhos reprodutores também está sujeito a uma prévia combinação*” (LEITE JÚNIOR, 2000: 30). Assim, o ato sexual não é apenas a penetração, mas todo o acontecimento, o tratamento durante o encontro, que pode haver ou não a penetração.

Desse modo, como um efeito do dispositivo da sexualidade, os praticantes de BDSM elaboram discursos sobre o sexo, sobre suas formas de prazer, sobre o usos do corpo e dos desejos produzidos. No *blog* Submisso Real, há diversas narrativas textuais acerca das experiências para relações BDSM, buscando superar os limites do corpo para a obtenção do prazer.

Estas dicas sobre o controle das ereções mostram como o BDSM rediscute assuntos considerados tabus sobre a sexualidade. Gregori (2014) utiliza o conceito limites da sexualidade para discutir esta relação entre prazer e perigo: Perigo, na medida em que é importante ter em mente aspectos como o estupro, abuso e espancamento como fenômenos relacionados ao exercício da sexualidade. Prazer, porque há uma promessa na busca de novas alternativas eróticas em transgredir as restrições impostas à sexualidade tomada apenas como exercício de reprodução (GREGORI, 20014: 576).

No discurso dos interlocutores aparece claramente esta relação entre perigo e prazer. O limite da sexualidade aparece nas práticas, como ser espancado, servir um(a) Dominador(a), buscando prazer na dor, na humilhação, no sofrimento, na servidão.



Figura 1 - Cinto de castidade e controle das ereções²¹

Em razão do BDSM ser uma prática que joga com os limites psicológicos e físicos para se buscar novas formas de prazer, o discurso dos interlocutores traz uma forma de legitimação do seu prazer. Falar sobre suas experiências, colocar este prazer como diferente e não patológico ou anormal, envolvendo desse modo, as preferências dos parceiros. Essas narrativas trazem à tona suas fantasias, fetiches, desejos e prazeres e demonstram que os sujeitos possuem uma consciência das possibilidades físicas e emocionais de seus corpos, e de que seus prazeres não são uma anormalidade.

Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as questões do papel das mídias sociais e do prazer para os praticantes de BDSM em Campo Grande. Este foco foi definido de acordo com os dados coletados nas entrevistas com os interlocutores, em que estes temas apareciam com mais recorrência.

Segundo os praticantes da cidade, o meio utilizado para conhecer e trocar informações com outros adeptos são as mídias sociais, mais especificamente o Facebook e o Fetlife. Mas a principal reclamação presente nos discursos é a dificuldade de sair do mundo virtual para os encontros face-a-face. A ausência de festas e eventos nesta temática é colocada pelos praticantes como uma dificuldade para se relacionarem e conhecerem outras pessoas.

Embora não muito comentando, as narrativas deixam transparecer que a insegurança e a desconfiança se tornam mais fortes porque a sociedade ainda considera as práticas BDSM como anormais e patológicas. Assim, com receio de sofrer preconceitos e dos julgamentos sociais, os praticantes procuram se proteger em um ambiente de confiança para que se sintam à vontade para conversar sobre o assunto.

²¹ Postagem no blog Submisso Real (<http://submissoreal.blogspot.com/>). A postagem escolhida trata sobre controle de ereções e cinto de castidade, com o objetivo da Dominadora ter controle sobre ereções masculinas, consideradas involuntárias, mas que por meio da disciplina e do controle, podem estar sob o comando da Dominadora, que permite o submisso a ter uma ereção quando Ela quiser

Essa questão dos juízos sociais em torno ao BDSM influi na forma como os interlocutores se apresentam socialmente, no entanto nos círculos internos o BDSM não é representado como uma doença, mas sim como uma forma de buscar novos prazeres e um maior conhecimento dos desejos e da corporalidade.

Autores como Zilli (2009), Facchini e Machado (2013) e Gregori (2014) enfatizam que os BDSM buscam legitimar suas práticas com o discurso das diferenças e dos pilares SSC (São, Seguro e Consensual) para fugirem do estigma de seres anormais, tentando desconstruir as leituras biomédica e psíquicas sobre a sexualidade nos séculos anteriores, mas ainda presentes na atualidade, inclusive nos manuais de doenças como o DSM.

Recebido em 9 de julho de 2020.

Aceito em 30 de agosto de 2021

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-V – *Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais* – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2014.

APPADURAI, ARJUN. *La Modernidad Desbordada*. Buenos Aires: Ed. Trilce S.A. 2001

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. www.ibge.gov.br. Acesso em 03/05/2021.

BUTLER, JUDITH. *Excitable Speech. A Politics of the Performative*. New York: Routledge, 1997.

ELLIS, Havelock. *Psychology of sex*. London: Medical Books, 1933.

FACHINI, Regina; MACHADO, Sara Rosseti. “Praticamos SM, repudiamos agressão”: classificações, redes e organização comunitária em torno do BDSM no contexto brasileiro. *Sexualidad, Salud y Sociedad. Revista Latinoamericana*, 14 (Dossier 2): 195-228, 2013.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal. 1989.

FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Edição eletrônica brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

- GEBHARD, PAUL “Human sexual behavior: A summary statement”. In: SUGGS, Marshal D. (ed.). *Human Sexual Behavior: Variations in the ethnographic spectrum*. New York: Basic Books, 1971.
- GELIN, Martha. *The Sex Explanation Handbook: Talking with Kids about Sex*. 2 ed. Orion South Pty, 2007.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GREGORI, Maria Filomena. Práticas eróticas e limites da sexualidade: contribuição de estudos recentes. *Cadernos Pagu*, 42 : 47-74, 2014.
- KRAFFT-EBING, Richard von. *Psychopathia sexualis*. Trad. Antonio Fontoura, Curitiba: Antonio Fontoura, 2017.
- LEITE JÚNIOR, J. *A Cultura S&M*. Trabalho de Conclusão de Curso, São Paulo, PUC-SP, 2000.
- MENDONZA, Edgard, S. G. Donald Pierson e a escola sociológica de Chicago no Brasil: os estudos urbanos na cidade de São Paulo (1935-1950). *Sociologias*, 7 (14): 440-470, 2005.
- MISKOLCI, Richard . A gramática do armário: notas sobre segredos e mentiras em relações homoeróticas masculinas mediadas digitalmente. In: *XXX International Congress of LASA*. v. 1. San Francisco. LASA 2012 Congress Paper Archive. Pittsburgh: LASA, 2012. pp. 1-25.
- PRECIADO, Beatriz. *Manifiesto contra-sexual: prácticas subversivas de identidad sexual*. Madrid: Opera Prima, 2002.
- ROBERTSON, Andrew. *Therapy and BDSM lifestyles*. Trabalho elaborado para a disciplina de COMM 15, Universidade do Estado San José, Silicon Valley, 2008.
- RUBIN, Gayle. “Pensando sobre sexo: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade [1984]”. In: *Políticas do Sexo*. São Paulo: Ubu, 2017
- SACHER-MASOCH. *A Vênus das Peles*. Tradução: Saulo Krieger. Introdução: Flávio Carvalho Ferraz. São Paulo: Hedra, 2008.
- SANTOS, Adriana Ribeiro de Oliveira. Estudo sobre as práticas sexuais para além da dor na visão de praticantes de bdsm. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 24 (1), 2013.
- SARTI, Cintia. A dor, o indivíduo e a cultura. *Saúde e Sociedade*, 10 (1), 2001.
- ZILLI, B. D. “BDSM de A a Z: a despatologização através do consentimento nos Manuais da Internet”. In: BENITEZ, María Elvira Díaz; FIGARI, Carlos Eduardo. (orgs.). *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.